

**SEI**

06, 07, 08, 09 e 10 de Maio

INCIDÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS À RADIODERMATITE EM PACIENTES COM CÂNCERES DE MAMA E DE CABEÇA E PESCOÇO

Fernanda Mateus Queiroz Schmidt[1]; Vera Lúcia Conceição de Gouveia Santos[2]; Juliana de Souza Melo[3]; Regina Alba Silveira Beraldo[4]; Thatiane Clatt Cruvinel Conti[5]; Narinan de Felício Bortucan Lenza[6]; Rodrigo Calixto Mattar[7]

INTRODUÇÃO: A prática clínica em oncologia mostra que um grande número de pacientes submetidos à teleterapia apresenta radiodermatites, porém os dados de incidência dessa reação ainda são incipientes, principalmente no Brasil. **OBJETIVOS:** Avaliar a incidência e o grau de radiodermatite aguda em pacientes submetidos à radioterapia para cânceres de mama e de cabeça e pescoço; e verificar a associação entre o grau de radiodermatite apresentada pelos pacientes e as variáveis sociodemográficas e clínicas. **MÉTODOS:** Estudo de coorte prospectivo, realizado em um hospital oncológico de Minas Gerais, com 43 pacientes acompanhados durante a radioterapia para verificação de presença e grau de radiodermatite, pela escala RTOG (*Radiation Therapy Oncology Group*). A amostra foi constituída pelos pacientes com cânceres de mama e de cabeça e pescoço, submetidos à teleterapia, no período de agosto a dezembro de 2017, segundo os critérios de inclusão: ter idade igual ou superior a 18 anos; estar em início de radioterapia e ter a pele íntegra na primeira sessão. Os pacientes foram avaliados semanalmente por duas enfermeiras e um médico radioterapeuta. Para coleta dos dados, utilizaram-se dois instrumentos: dados sócio-demográficos e clínicos, e registro das avaliações periódicas. As variáveis foram analisadas separadamente para os pacientes com câncer de mama e câncer de cabeça e pescoço, utilizando-se os testes Qui-quadrado, t-Student, e análise de sobrevivência. O projeto foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa. **RESULTADOS:** Dos 50 pacientes atendidos no serviço durante o período de coleta de dados, que se enquadravam nos critérios de inclusão, 43 participaram do estudo, sendo 17 (39,5%) com câncer de cabeça e pescoço e 26 (60,5%) com câncer de mama. A idade média foi de 58 anos (DP= 14,9), com predomínio da raça branca. Todos os pacientes incluídos na amostra apresentaram algum grau de radiodermatite, perfazendo incidência de 100%. A maioria dos pacientes apresentou radiodermatite em grau 1, tanto para o grupo com câncer de mama (16/ 61,5%) quanto para o grupo de cabeça e pescoço (14/ 82,3%). Três (17,6%) pacientes com câncer de cabeça e pescoço e oito (30,7%) com câncer de mama evoluíram para grau 2. Apenas três (11,5%) pacientes com câncer de mama apresentaram reação em grau 3, o que não foi observado em qualquer paciente com câncer de cabeça e pescoço. Nenhum paciente



06, 07, 08, 09 e 10 de Maio

da amostra apresentou radiodermatite em grau 4. Para pacientes com câncer de mama, a raça branca foi preditora do desenvolvimento de graus 2 e 3, enquanto para aqueles com câncer de cabeça e pescoço, a intensidade foi associada ao não-tabagismo. **CONCLUSÕES:** Observou-se elevada incidência de radiodermatites, com intensidade associada à raça branca e ao não tabagismo, fatores ainda controversos na literatura. Sugere-se que estudos multicêntricos sejam realizados para melhor compreender a incidência e associações aqui encontradas.

Descritores: Radiodermatite; Epidemiologia; Neoplasias de mama; Neoplasias de cabeça e pescoço; Radioterapia.

[1]Enfermeira Estomaterapeuta TiSOBEST, Doutora em Ciências pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – EE-USP, Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – IFSULDEMINAS, Membro do Conselho Científico da Associação Brasileira de Estomaterapia – SOBEST. Email: fernandamqueiroz@yahoo.com.br.

[2]Enfermeira Estomaterapeuta TiSOBEST Emérito, Professora Titular do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da EE-USP, Diretora de Relações Internacionais da Associação Brasileira de Estomaterapia – SOBEST, Coordenadora do Comitê Científico da COMLHEI. Email: veras@usp.br.

[3]Enfermeira, Pós-graduanda do Curso de Especialização em Enfermagem Oncológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – IFSULDEMINAS. Email: julacerda20@hotmail.com.

[4]Enfermeira do Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Passos, Pós-graduanda do Curso de Especialização em Enfermagem Oncológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – IFSULDEMINAS. Email: re_aberaldo@yahoo.com.br.

[5]Enfermeira, Pós-graduanda do Curso de Especialização em Enfermagem Oncológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – IFSULDEMINAS. Email: thaticlatt@yahoo.com.br.

[6]Enfermeira Oncologista, Doutora em Ciências pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – EERP-USP, Docente da Faculdade Atenas de Medicina. Email: narimanlenza@gmail.com.

[7]Médico do Departamento de Radioterapia do Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Passos. Email: rodmattar@hotmail.com.